

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE HISTÓRIA**

JOSIANE APARECIDA LAURINDO CORRÊA

**REPRESENTAÇÃO E RELAÇÃO DE GÊNERO NA HISTORIOGRAFIA
DE CRICIÚMA: O QUE NOS ENSINA O CONHECIMENTO HISTÓRICO
(1970-2000)**

CRICIÚMA, NOVEMBRO/ 2009

JOSIANE APARECIDA LAURINDO CORRÊA

**REPRESENTAÇÃO E RELAÇÃO DE GÊNERO NA HISTORIOGRAFIA
DE CRICIÚMA: O QUE NOS ENSINA O CONHECIMENTO HISTÓRICO
(1970-2000)**

Trabalho de Conclusão do Curso
apresentado para obtenção do grau de
Licenciatura e Bacharelado no Curso de
História da Universidade do Extremo Sul
Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Renato Carola

CRICIÚMA, NOVEMBRO/ 2009.

JOSIANE APARECIDA LAURINDO CORRÊA

**REPRESENTAÇÃO E RELAÇÃO DE GÊNERO NA HISTORIOGRAFIA DE
CRICIÚMA: O QUE NOS ENSINA O CONHECIMENTO HISTÓRICO
(1970-2000)**

Trabalho de conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do grau de Licenciatura Plena e Bacharelado, no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Criciúma, 02 de dezembro de 2009.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Renato Carola – Dr. Em História Econômica - Unesc – Orientador

Profa. Dra. Marli de Oliveira Costa – Dra. Em Educação - Unesc

Prof. Me. Paulo Sérgio Osório – Mestrado Em Educação - Unesc

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela iluminação, a minha família pelo incentivo, ao meu namorado pelo apoio, aos meus amigos pela paciência, aos colegas de turma pela companhia, ao meu orientador pela direção e a todos os professores por me ajudarem a desenvolver uma visão mais ampla do mundo. A todos estes muito obrigado pela compreensão e cooperação.

“A História humana não se desenrola apenas nos campos de batalha e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbio, nas casas de jogos, nos prostíbulos e nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquinas”.

Ferreira Gullar

RESUMO

Em Criciúma, desde os anos 70, vários livros foram escritos sobre a história da cidade. Utilizando diferentes abordagens e tendo como foco principal os mais variados temas, estas obras constituem uma rica fonte de pesquisa que nos possibilita estudar os hábitos e costumes da sociedade cricumense em diferentes épocas. Este trabalho tem por objetivo analisar como homens e mulheres são representados nestas obras historiográficas de Criciúma, sendo científicas ou não, que foram produzidas nas décadas de 1970 a 2000. E deste modo perceber o que mudou e o que permanece nos discursos referentes às representações de gênero.

Palavras-chave: Gênero. Historiografia local. Criciúma.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 CAPÍTULO I - HOMENS E MULHERES NA HISTORIOGRAFIA NÃO-ACADÊMICA	12
2.1 Época dos “homens ilustres”	12
2.2 “Empreendedores do progresso”	16
2.3 Época da “memória dos pioneiros”	19
3 CAPÍTULO II - REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO NA HISTORIOGRAFIA ACADÊMICA	22
3.1 Mineiros, “etnias pioneiras” e políticos.....	22
3.2 Trabalhadores e trabalhadoras.....	26
4 CONCLUSÃO.....	33
REFERÊNCIAS.....	35

1 INTRODUÇÃO

Dentro da produção historiográfica Criciumense de 1970 a 2000, é possível encontrar variadas obras que tratam do desenvolvimento econômico, urbano e social da cidade. Estas obras trabalham com diferentes abordagens trazendo contribuições para história de Criciúma, e estão carregadas de visões e concepções de homem e mulher. De forma direta ou nas entrelinhas, as obras publicadas neste período revelam estas concepções de relação de gênero.

Em função do tempo disponível para conclusão deste trabalho foram utilizadas obras acadêmicas e não acadêmicas, publicadas em forma de livro e que tiveram maior circulação na cidade.

O que se propõe com este trabalho é perceber como homens e mulheres da região sul catarinense são retratados ou omitidos nas obras de história e memória de Criciúma, produzidas no período 1970 - 2000, procurando perceber mudanças nos discursos referentes às representações de gênero.

É importante perceber como a história foi construída sob o ponto de vista das classes dominantes para reproduzir e disseminar sua cultura e manter os valores e estruturas sociais que os beneficiam. No contexto social, percebemos que os hábitos e costumes das sociedades estão longe de serem naturais e imutáveis. Peter Burke chama de “construção cultural”, e estão sujeitos a “variações, tanto no tempo quanto no espaço”.¹

Dentro deste quadro, é possível perceber que as desigualdades vividas no cotidiano da sociedade, no que se refere às relações de gênero, se definem a partir do cultural e do social, principalmente sobre as funções ou representações atribuídas à mulher e ao homem dentro dos diferentes espaços de convívio, como na família, na escola, na igreja, no trabalho, ou seja, na vida em sociedade. Mas

[...] por mais antigos que possam parecer o patriarcalismo e a dominação da mulher, é preciso ter-se em mente que estes são formas históricas e não naturais. Isto é, a relação entre os sexos é socialmente construída e, como tal, vai variar com as mudanças na organização e estrutura social. Portanto, por trás das “funções biopsíquicas” do parto e da amamentação associadas à mulher, está subjacente toda uma estratégia de poder, articulada a partir de um discurso que tenta, encobrir as desigualdades entre os sexos naturalizando-as. Isto é, as desigualdades não são vivíveis,

¹ BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992. p. 11.

ou, pelo menos, passíveis de questionamento, uma vez que se constrói um consenso por meio do qual o que foi produzido pela cultura é atribuído à natureza.²

Esta idéia também é partilhada por Sandra Jatahy Pesavento, que ao escrever sobre a Nova História Cultural, ressalta este modo de entender e “de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo”³. A autora escreve sobre a história como representação de algo que passou, “não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele”. Pesavento percebe este conceito de representação, como uma forma de integração da vida social. A autora define que “expressas por normas, instituições, discursos, imagens e ritos, tais representações formam como que uma realidade paralela à existência dos indivíduos, mas fazem os homens viverem por elas e nelas”⁴.

Assim, entendemos que é necessário refletir sobre as representações, uma vez que, os papéis designados para homens e mulheres são construções culturais, carregados de significados impostos pela sociedade. Esta visão é ressaltada por Rocha-Coutinho, que fez um estudo sobre as condições da mulher nas décadas de 1960 a 1980 para perceber as alterações do papel social da mulher e porque ainda persiste esta diferenciação. Ao abordar a relação homem/mulher e as diferentes funções a estes atribuídas, ela ressalta que muito longe do determinismo biológico, o que define ser homem ou ser mulher são “os elementos culturais, sociais, políticos e econômicos que influenciam o comportamento social e criam padrões específicos de relações entre homens e mulheres”.⁵ Ou seja, os papéis são definidos socialmente para legitimar e manter uma estrutura.

Michelle Perrot, em seu livro *Os excluídos da história*, também nos chama a atenção para este determinismo biológico, que define os papéis baseado nas características físicas. Ao discutir o papel da mulher na história, a autora ressalta que este velho discurso naturalista,

retoma no século XIX um novo vigor, apoiando-se nas descobertas da medicina e da biologia. É um discurso naturalista, que insiste na existência

² ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos: A mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.p 51-52.

³ PESAVENTO, Jatahy. **História & História Cultural**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p.15.

⁴ Ibidem. p. 39-40.

⁵ ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos: A mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p.14.

de duas “espécies” com qualidades e aptidões particulares. Aos homens, o cérebro (muito mais importante do que o falo), a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão. As mulheres, o coração, a sensibilidade, os sentimentos.⁶

Este discurso foi utilizado por muito tempo para legitimar diversas formas de dominação e discriminação do homem sobre a mulher. Como discute Joan w. Scott em sua obra sobre a condição paradoxal do movimento feminista francês e suas lutas pela inserção da mulher na política. Segundo a autora, os homens legitimavam

a exclusão com base na diferença biológica para um tratamento diferenciado no campo político e social. Na era das revoluções democráticas, “mulheres” tornavam-se excluídas políticas por artes de um discurso baseado em diferença sexual.⁷

Assim, em todas as diferentes sociedades históricas, homens e mulheres tiveram seus papéis sociais bem definidos pela cultura de seu tempo. Essas diferenças vão muito além das características físicas. Até a década de 1960, baseado nesses discursos naturalistas, os homens eram vistos como superiores enquanto que as mulheres eram vistas como inferiores.

Com esta visão, a sociedade convencionou que aos homens cabia o espaço público, e às mulheres, o privado. Ao homem era outorgado o papel de provedor da família, ele deveria trabalhar e sustentar sua esposa e filhos, enquanto a mulher deveria ficar em casa cuidando dos afazeres domésticos e cuidando das crianças, trabalhos considerados leves, condizentes com as aptidões femininas. Apenas as mulheres da classe mais pobre trabalhavam.⁸ Mesmo assim, eram atividades consideradas leves e adequadas para a natureza feminina, como lavar roupas, trabalhar em casas de família, fazer doces e salgados para os filhos venderem. Ou seja, à mulher era permitido apenas trabalhar em atividades que fossem extensão dos trabalhos domésticos.

Mesmo com todo o movimento feminista da década de 1960 e com as novas conquistas que as mulheres alcançaram, a divisão sexual dos espaços e do

⁶ PERROT, Michelle. **Os excluídos da história:** operários, mulheres e prisioneiros. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. p.177.

⁷ SCOTT, Joan Wallach. **A cidadã paradoxal:** as feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis: Mulheres, 2002. p. 26.

⁸ ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos:** A mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p.44.

trabalho ainda está refletida em muitas obras produzidas em Criciúma a partir de 1970. Desta forma, dando visibilidade aos homens e contribuindo para legar às mulheres um papel secundário e até mesmo de “invisibilidade dentro da historiografia de diferentes épocas”. Segundo Rocha-Coutinho:

[...] Faz-se necessário remover a mulher da posição de obscuridade em que ela se tem mantido por séculos nos livros e compêndios tradicionais de história. Afinal, sem ela, a história, mesmo como tem sido escrita em seu sentido mais amplo e convencional, fica incompleta e, inevitavelmente, incorreta.⁹

Sendo assim, repensar o papel do homem e o papel da mulher na historiografia é repensar uma parte importante da história que passou despercebida e contribuir para o fim da segregação e discriminação de gênero através do conhecimento, principalmente de sujeitos históricos, como mulheres, índios, negros entre outros, que têm suas vozes silenciadas por uma história elitista.

⁹ Ibidem. p.15.

2 HOMENS E MULHERES NA HISTORIOGRAFIA NÃO-ACADÊMICA

Neste primeiro capítulo vamos analisar as obras não-acadêmicas sobre a história e memória de Criciúma. Estas obras escritas nas décadas de 1970 a 2000 nos contam uma história que dá visibilidade aos “pioneiros”, “homens ilustres” que não mediram esforços para trazer o “progresso” para a cidade.

2.1 Época dos “homens ilustres”

Ao iniciarmos a busca de obras não-acadêmicas da historiografia de Criciúma, os primeiros registros encontrados datam da década de 1970. Uma das primeiras obras produzidas foi *Mini biografia de um pioneiro: Marcos Rovaris*, escrita por José Pimentel e Mário Belolli. A primeira versão desta biografia data de 1971, mas neste trabalho analisaremos a segunda edição que foi modificada e atualizada pelos autores e lançada como edição comemorativa do primeiro centenário da colonização de Criciúma (1880-1980).

A mini biografia de Marcos Rovaris conta à trajetória deste imigrante que saiu da Itália junto com seus pais e foi um dos “pioneiros” na fundação da colônia de Criciúma em 1880, e posteriormente, um dos principais envolvidos com a emancipação da cidade, vindo a ser o primeiro prefeito de Criciúma. Os autores falam superficialmente sobre sua vida particular, dispensando maior atenção a sua vida pública, principalmente a seu envolvimento na política.

Em toda a obra, os autores exaltam o espírito “empreendedor” de Marcos Rovaris que se tornou um dos “mais importantes industriais e comerciantes do Estado de Santa Catarina”. Retratando o mesmo como “incansável batalhador pelo progresso da vila cricumense”¹⁰, e um dos responsáveis diretos pela criação do município de Criciúma. Dentro da vida política, os autores ressaltam que Marcos Rovaris era muito respeitado e “constantemente consultado a apoiar, este ou aquele candidato”, uma vez que “exercia junto à população do sul catarinense, invejável

¹⁰ PIMENTEL, José; BELOLLI, Mário. **Mini biografia de um pioneiro: Marcos Rovaris**. Criciúma, SC: Do autor, 1980. p. 39.

prestígio”¹¹. Os autores justificam que quando prefeito de Criciúma não pôde “realizar trabalhos de monta, em face dos poucos recursos financeiros”, pois a arrecadação de impostos era irrisória. Mas fazem questão de ressaltar, “pela nobreza do gesto”, que o prefeito Marcos Rovaris não recebia salário, pelo contrário, “gastou muito dinheiro da sua própria economia, proveniente de seus negócios particulares para manter o bom conceito de sua administração junto às camadas populares e ao governo estadual”.¹² Ao final do livro, os autores ainda fazem uma homenagem “àquelas pessoas que, pela perseverança, entusiasmo e dedicação ao trabalho” conquistaram destaque no cenário catarinense e que são “exemplos para os jovens”¹³. E citam mais dois empresários Criciumenses.

Nesta obra, os autores usam como fontes: documentos oficiais, documentos particulares da família Rovaris e uma revista italiana que publicou um artigo sobre Marcos Rovaris. Toda obra busca exaltar a competência deste “corajoso” e “destemido pioneiro” da cidade de Criciúma, as poucas mulheres mencionadas fazem parte da família Rovaris. São apresentadas apenas a mãe, irmãs, esposas e filhas, mas como dados, não é feita nenhuma menção específica sobre elas. Nas entrelinhas é possível perceber um pouco da história da cidade vista de uma perspectiva tradicional, ressaltando a visão da elite local, exaltando os “pioneiros” que com muito trabalho e luta trouxeram o “progresso” para Criciúma e se tornaram figuras “ilustres”.

Outra obra produzida na década de 1970 foi *Tímido Ensaio Biográfico: Giacomo Sônego*. Esta biografia, também produzida por José Pimentel e Mário Belolli, conta a história deste imigrante desde a sua saída da Itália, passando pelos percalços da travessia marítima até a chegada ao local onde seria fundada a colônia de Criciúma. Até este ponto os autores fazem uso de uma linguagem poética, ressaltando o sacrifício e o desafio que representava para estes imigrantes deixar sua “querida e longínqua Itália”¹⁴.

Depois disso, de uma forma mais direta, os autores citam alguns traços biográficos de Giacomo Sônego e passam a relatar alguns fatos que marcaram a

¹¹ Ibidem. p. 60.

¹² Ibidem. p.87.

¹³ Ibidem. p.121.

¹⁴ PIMENTEL, José; BELOLLI, Mário. **Tímido ensaio biográfico: Giacomo Sônego**. Criciúma, SC: Gráfica Líder, 1972. p. 05.

vida deste “pioneiro”, como a morte de seu irmão por uma flecha lançada por um indígena e a descoberta do carvão-de-pedra por ele mesmo em suas terras, fato este que deu a Giácomo Sônego grande notoriedade dentro da história da cidade.

Os autores escrevem esta curta biografia dentro de um discurso tradicional, ressaltando o ato de coragem e os grandes feitos deste e de outros imigrantes que vieram desbravar o sul catarinense. Exaltam a bravura do imigrante que enfrentou com valentia a “mata virgem” e todos os perigos que ela espreitava, como o ataque de animais ferozes ou de “silvícolas”, representando o “pioneiro” como um “herói”¹⁵. Já das mulheres, pouco se falou. Os autores contam que Giácomo Sônego, veio para o Brasil junto com um irmão e sua mãe, e que esta fazia pouco tempo que enviudara. Quanto à coragem e a iniciativa desta, nada mais é comentado. As mulheres foram citadas apenas de passagem representadas como mãe, esposa ou filha de um homem valoroso.

Quanto às fontes, os autores não as citam, e com exceção de um artigo de jornal e de um contrato reproduzidos na obra, não é possível identificá-las. A obra também possui algumas imagens, mas estas servem apenas de ilustração.

Ainda na década de 70, foi lançado o livro *Criciúma Amor e Trabalho*, também escrito e organizado pela parceria José Pimentel e Mário Belolli, em 1974. Os autores usaram como fontes documentos oficiais, jornais e fotografias, muitos destes reproduzidos na biografia, além de relatos e de alguns livros. Esta obra, cujo intuito, segundo Pimentel, não era escrever “uma história de Criciúma”, mas estabelecer alguns “apontamentos para uma história de nossa terra”, traz uma narrativa tradicional de alguns fatos e acontecimentos apresentados pelos autores como os mais significativos para a memória da cidade.

O livro está dividido em dois capítulos, no primeiro, *Criciúma – Amor*, os autores exaltam a coragem e o espírito aventureiro dos destemidos desbravadores de nossa terra, que não mediram esforços quando aqui chegaram em busca de uma vida melhor e logo fizeram a colônia se desenvolver, quer pela fertilidade das terras, quer pelo espírito de trabalho e coragem daqueles bravos colonizadores, (PIMENTEL, 1974, p.14).

¹⁵ Ibidem. p.21.

Neste capítulo, os autores ainda escrevem sobre o desenvolvimento da colônia até esta ser emancipada e relatam a descoberta do carvão na região de Criciúma, reproduzindo o discurso de que este foi um “fator decisivo de nosso progresso.” (PIMENTEL, 1974, p.36). Depois disso, narram alguns acontecimentos políticos da cidade e do país e também escrevem sobre outras atividades econômicas do município.

No segundo capítulo, *Criciúma – Trabalho*, os autores se voltam mais para os aspectos físicos, políticos e sociais da cidade. Tratando de temas como desenvolvimento, educação, cultura, turismo, comércio e indústria. *Criciúma amor e trabalho* reproduz o discurso historiográfico tradicional, como discute Jim Sharpe (1992, p.18), que a história é entendida apenas “como um relato dos feitos grandes”, e a “revelação das opiniões políticas da elite”, considerando “a experiência da massa inacessível ou sem importância”.

A obra de Pimentel e Belolli dá visibilidade apenas aos homens da elite política e social de Criciúma, representando-os como homens “fortes e destemidos”, os “grandes” homens “pioneiros” nas diferentes atividades econômicas que foram surgindo na região, que não mediram esforços para promover o desenvolvimento da cidade.

Raramente se referiam aos trabalhadores, cidadãos comuns da cidade. Nem mesmo aos trabalhadores das minas foi dispensada alguma atenção, embora no início do segundo capítulo, intitulado *Criciúma – Trabalho*, tenha uma foto de um mineiro trabalhando. A todo o momento são exaltados apenas os donos das minas e os políticos que buscavam incentivos para a mineração, pessoas descritas pelos autores como os responsáveis pelo “progresso” de Criciúma e comprometidas com o desenvolvimento da capital do carvão.

Neste livro, as mulheres são poucas vezes mencionadas, na maioria das vezes aparecem como mães ou esposas. Quando os autores falam especificamente sobre uma mulher, é para exaltar a beleza feminina, eles apresentam uma cricumense que chegou as finais do concurso Miss Brasil, por exemplo. Dessa forma, reduzem a mulher a sua aparência, exaltam mais um produto regional que alcançou o mercado nacional, como se as mulheres não tivessem dado nenhuma outra contribuição à história de Criciúma.

Nesta obra, que tanto enfatiza o progresso trazido pelo carvão e pela indústria, foram deixados de lado importantes sujeitos desta história, homens e

mulheres comuns, trabalhadores e trabalhadoras, que sem eles também não haveria o “desenvolvimento” da região sul catarinense e nem o tão exaltado “progresso” da capital do carvão. Assim como os grandes industriais e políticos, também, aos trabalhadores e trabalhadoras cabe o reconhecimento pelo seu trabalho.

2.2 “Empreendedores do progresso”

A biografia *Santos Guglielmi, A trajetória do empreendedor* é outra obra, que nos possibilita perceber algumas questões relacionadas a gênero. Organizado pelo jornalista José da Silva Jr., o livro lançado em 1998, conta a trajetória deste empresário. Como fontes foram utilizadas, além das recordações de Santos Guglielmi, entrevistas feitas com familiares e amigos, fotos, documentos e várias referências regionais.

A obra é iniciada com a história dos avós do biografado, imigrantes italianos que vieram para o Brasil atraídos pelas propagandas do governo para promover a colonização do sul do país. Depois, conta como o pai de Guglielmi se tornou um dos homens mais ricos e respeitados da região Sul Catarinense, ressaltando como Santos Guglielmi aprendeu, se envolveu e posteriormente se desligou dos negócios do pai, para iniciar sua própria fortuna. Dentro de um discurso tradicional e, como toda biografia autorizada, a obra exalta os feitos de Santos Guglielmi, sempre o destacando como um excelente negociador e um homem de visão.

Quando o autor fala da chegada dos avós do biografado, em 1887, além de ressaltar as dificuldades e perigos enfrentados, o autor destaca que os dois trabalharam juntos derrubando árvores e serrando a madeira para construir sua casa¹⁶ e que assim também procederam os pais de Santos Guglielmi. Mas ao falar do dia a dia desses casais, fica claro quais funções cabiam a cada um. Com frases como “o fogão a lenha de minha vó”, o autor liga a mulher aos trabalhos domésticos, enquanto que os homens cuidavam das plantações “indo para roça todo dia de

¹⁶ SILVA Jr. José da. **Santos Guglielmi**, A trajetória do empreendedor. Criciúma, SC: Do Autor, 1998. p.40.

espingarda em punho”¹⁷. Esta separação também é visível quando o autor fala dos pais de Santos Guglielmi, ele conta que o pai “estava sempre correndo atrás dos serviços, negociando” enquanto os filhos e um amigo cuidavam da loja da família e a mãe “cuidava da casa e tinha filhos”¹⁸.

Assim, também aconteceu com o próprio Santos Guglielmi quando se casou. Ele ressalta que a esposa sempre foi muito caprichosa cuidando da casa, do jardim, e dos filhos¹⁹. E que ela sempre o ajudou em tudo, “dando apoio nos bastidores”²⁰.

Quando fala das filhas, o próprio Santos destaca que nos anos 70, os tempos eram outros, e que já era recomendado que “uma mulher deveria ter uma profissão, concluir uma faculdade”²¹. Mesmo dando estudo para suas filhas, sempre que Santos se refere aos próprios negócios ele destaca apenas a participação dos filhos homens ou de seus genros. Até quando fala de seus netos, ele destaca apenas a participação dos rapazes nas empresas²².

Com a leitura da obra, é possível identificar, várias questões ligadas aos “papéis” atribuídos a homens e mulheres em diferentes épocas, e mesmo reconhecendo significativas mudanças com o passar do tempo, podemos perceber que algumas coisas levam muito tempo para serem efetivadas.

Minha Criciúma de Ontem, esta obra produzida em 1999 pelo Dr. Manif Zacharias, é um conjunto de contos sobre diversos cidadãos criciumenses, desde os populares, termo utilizado pelo autor para se referir às pessoas pobres, até os mais poderosos e endinheirados. Como fonte, o autor citou apenas suas reminiscências, pois segundo ele, o motivo que o levou a escrever este livro foi “simplesmente para exaltar méritos que nem sempre foram reconhecidos. E também para engrandecer, nas figuras das pessoas acima citadas, toda a comunidade de Criciúma” [...].²³

O Dr. Zacharias é um paranaense que na década de 1940 se mudou para Criciúma, onde por quase vinte e cinco anos trabalhou como médico, atendendo desde os mais humildes até as famílias mais abastadas da cidade. E é sobre estas

¹⁷ Ibidem. p. 38-40.

¹⁸ Ibidem. p. 58.

¹⁹ Ibidem. p. 109.

²⁰ Ibidem. p. 267.

²¹ Ibidem. p. 136.

²² Ibidem. p. 336.

²³ ZACHARIAS, Manif. **Criciúma de ontem**. Criciúma, SC: Do autor, 1999. p. 61.

peças que escreve em seu livro, contando fatos que presenciou e que lhe marcaram a memória.

Embora a maior parte das pessoas citadas pelo autor faça parte da classe mais abastada da cidade, em seu livro *Dr. Zacharias* também abre um espaço para falar sobre os menos afortunados, principalmente sobre a classe mineira. Segundo o depoimento do próprio autor, era a classe com que mais se afinava. Pessoas que muitas vezes procurou ajudar atendendo como médico ou prestando outros favores. Em um de seus textos, caracteriza os mineiros como:

criaturas iguais a nós, tão dignas quanto nós, mas maltratadas, sofridas, desprezadas, espoliadas em seus mais elementares direitos, vilmente exploradas, qual bestas de carga, em sua força de trabalho; [...] não se conscientizavam da grandeza e extensão da sua miséria e não reagiam, não protestavam, não se rebelavam, submissos ao jugo que os oprimia. [...] na resignação fatalista com que aceitavam e suportavam o fardo esmagados, penavam, caíam, pereciam, para que outros, desumanos e indiferentes, se banquetearassem à farta de suas carnes desfibradas e lhes sorvessem, em largos haustos, o pobre sangue dessorado, nos rega-bofes da vida folgazã, proporcionada pelo lucro fácil e regalado.²⁴

Neste trecho, o autor denuncia as precárias condições de vida e trabalho dos mineiros, e faz duras críticas aos empresários do carvão e demais políticos que se beneficiavam com a exploração de milhares de trabalhadores das minas. Mas é interessante perceber como ele toma cuidado para não citar nomes.

Neste trecho o autor também nos mostra os mineiros como criaturas resignadas, incapazes de se organizar e reagir contra a exploração. Esta visão contradiz a idéia apresentada por Volpato (2001), pois esta ressalta em sua obra, a organização e as formas de resistência praticadas por estes trabalhadores até mesmo antes da formação do sindicato da categoria. Para o Dr. Zacharias, estas formas de resistência não passavam de “um lampejo de brio e dignidade” que “uma vez ou outra”, atingia os mineiros e “lhes clareava a mente e os induzia a tentativas tímidas de rebeldia contra o regime que os aniquilava e ao sistema que garantia a impunidade de seus impiedosos algozes”²⁵.

Numa segunda parte da obra, intitulada *Iconografia*, há 45 fotos de pessoas e lugares mencionados nos contos. Destas, cinco são da cidade, principalmente de casas e prédios. Outras cinco são das minas e mineiros. A maior

²⁴ Ibidem. p. 20.

²⁵ Ibidem. p. 23.

parte das fotografias, trinta e duas, são de homens, que dentro da história da cidade alcançaram alguma notoriedade e destas somente quatro retratam os populares. Fotografias de mulheres são apenas três.

Assim como as fotografias, a maior parte dos contos também são sobre homens que fizeram parte da elite local. Mesmo mencionando outros sujeitos da história de Criciúma que muitas vezes nem são lembrados, como os populares, os mineiros e as mulheres, o autor reproduz em sua obra uma visão elitista, que dá destaque às personagens ímpares, competentes, “lideranças empresariais [...] que saíram do anonimato e se projetaram no cenário industrial”, retratando por meio de contos sobre estes sujeitos, o período que Criciúma “adquiriu, de vez, foros de cidade”²⁶, ressaltando a idéia do desenvolvimento e do progresso da cidade.

2.3 Época da “memória dos pioneiros”

No ano 2000, Arquimedes Napoline Filho, lança o livro *Criciúma, orgulho de cidade!*. Neste livro, o autor reúne 136 textos que escreveu sobre a cidade e seus habitantes para contar alguns casos da história dos 120 anos da colonização de Criciúma. Estes textos fizeram parte de um projeto da rádio Eldorado para comemorar os 120 anos da cidade, e eram lidos diariamente, de segunda à sexta, pelo próprio autor.

Como fonte, o autor cita suas memórias, alguns livros que já haviam sido escritos sobre a história de Criciúma, entrevistas, arquivos da câmara municipal, além de alguns documentos como os livros de atas de assentamentos, de leis e de decretos.

O livro foi dividido em vários capítulos, nos quais o autor procurou agrupar os textos por assunto. Deste modo, segundo Napoline, não foi possível seguir a ordem cronológica dos acontecimentos. A maioria dos textos traz uma visão positiva dos fatos. Até mesmo quando fala da mineração, o autor ressalta o desenvolvimento e o progresso da cidade, omitindo as precárias condições de vida e trabalho dos mineiros e a degradação ambiental que a atividade acarretou ao município.

²⁶ Ibidem. p. 116.

Em sua obra, o autor fala de diferentes personagens que fizeram parte da história de Criciúma, principalmente dos “pioneiros”, exaltando “a coragem empreendedora” desses “desbravadores da civilização que resultou nesta terra abençoada”²⁷ e dos homens de negócios empreendedores, “marcas fundamentais do processo desenvolvimentista” dos 120 anos de história de Criciúma.²⁸ Além destes, fala sobre a “ilustre figura do mineiro”²⁹ e dedica um dos textos para falar dos “folclóricos”.³⁰

No que se refere às mulheres, embora sejam poucas as identificadas pelo nome, o autor dedica alguns textos para falar da participação destas. De uma forma geral, sem citar nomes, presta homenagem às donas-de-casa, mães, operárias, profissionais liberais e empresárias. Como o autor mesmo afirma, “sem consulta a qualquer bibliografia”, ele descreve que no início da colonização elas foram “a alavanca que deu coragem a italianada”, depois “ombreou, par-e-passo com o homem”, cuidando da casa, dos filhos e trabalhando na roça. Com o desenvolvimento da mineração, vieram as escolhedeiras. Segundo o autor, hoje, trabalham em diferentes atividades e ainda dão conta do seu “papel de mãe e esposa”³¹.

Com estas afirmações, podemos perceber que mesmo dando visibilidade à participação dos homens e das mulheres na história da cidade, o autor ainda faz uma divisão de papéis, identificando como natural os homens ocuparem o espaço público e atribuindo as mulheres, mesmo as que trabalham fora de casa, o papel de mãe, esposa e dona de casa.

Em 2001, a partir da iniciativa de Nilson Olivo de “juntar um pouco da história da *Famiglia Olivo*”, é lançado o livro *Famiglia Olivo: 110 anni d'immigrazione, 1891-2001*. Com a ajuda da jornalista Lisandra Cortes, Nilson Olivo pesquisou sobre a história dos primeiros Olivo, que vieram para o Brasil em 1891, e também sobre seus descendentes. Quanto às fontes, o autor não as especificou, apenas citou que utilizou entrevistas com alguns familiares e registros de sua própria autoria.

²⁷ NASPOLINI FILHO, Archimedes. **Criciúma, orgulho de cidade!** fragmentos da história dos seus 120 anos. Criciúma, SC: Ed. do Autor, 2000. p.24.

²⁸ Ibidem. p. 161.

²⁹ Ibidem. p. 131.

³⁰ Ibidem. p. 145.

³¹ Ibidem. p. 149.

No livro, encontramos um breve relato das causas da imigração italiana para o Brasil no século XIX, bem como um resumo superficial da vida dos primeiros membros da família que migraram para o Brasil. Em seguida o autor cita a cidade onde cada um se estabeleceu e traz a genealogia destes imigrantes, partindo deles, citando seus filhos, genros e noras, até seus netos. Nesta primeira parte, o autor dispensa atenção igual a homens e mulheres.

Neste livro, em um segundo momento o autor também escreve sobre cinco encontros da família Olivo que foram organizados e realizados entre 1991 a 2001 em diferentes cidades de Santa Catarina e Paraná, onde alguns membros da família residem. Para cada festa foi destinado um capítulo em que o autor faz um resumo sobre a cidade, uma breve biografia de cada presidente que organizou a festa e uma homenagem a algum membro da família.

Nesta segunda parte, o autor escreve apenas sobre uma mulher da família, que foi a presidente de uma das festas. Mas na parte onde escreve sobre outros membros da família como forma de homenagem, nenhuma mulher é homenageada. Neste espaço aparecem apenas como mães e filhas.

3 REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO NA HISTORIOGRAFIA ACADÊMICA

Este segundo capítulo abrange as obras acadêmicas e traz novos sujeitos históricos que participaram e contribuíram com a história da cidade, mas que nas obras não-acadêmicas ficaram a margem da história. Neste espaço, ainda é predominante a figura do homem, mas há a iniciativa de alguns autores que começam a dar visibilidade também as mulheres.

Neste capítulo iniciamos o estudo das obras historiográficas de Criciúma, a partir da década de 1980, uma vez que não encontramos obras acadêmicas publicadas antes deste período.

3.1 Mineiros, “etnias pioneiras” e políticos

Da década de 1980, uma das obras analisadas foi *A Pirita Humana*, de Terezinha Gascho Volpato, um livro que fala sobre o trabalho nas minas de carvão e o processo da mineração na região sul catarinense. Diferente das obras produzidas até então, Volpato dá visibilidade aos trabalhadores das minas. Em sua obra a autora estuda as relações dos mineiros com o trabalho, a família e o sindicato. Ressaltando que o que define a classe mineira são as relações de trabalho.

Para realizar sua pesquisa, Volpato utiliza como fontes, 118 entrevistas que realizou com diferentes profissionais das minas, como mineiros, aposentados e na ativa, técnicos, engenheiros, líderes sindicais, médicos, advogados, políticos e religiosos. Utiliza-se também, de documentos administrativos das empresas, dos órgãos oficiais, dos sindicatos e da Delegacia Regional do Trabalho.

Neste livro, Volpato analisa o movimento da classe operária na perspectiva marxista, entendendo a classe mineira como um grupo que não possuindo os meios, vende sua força de trabalho ao capital. (VOLPATO, 1984, p.20). Em seu livro, a autora aborda a história do carvão catarinense desde a descoberta em 1832, as primeiras tentativas frustradas de extração, até 1920, quando o carvão passa a ser explorado em larga escala na região de Criciúma. A partir daí, Volpato escreve sobre a expansão da indústria carbonífera catarinense,

com seus altos e baixos dentro da política econômica brasileira até a década de 1980, período no qual o livro foi publicado. Em sua obra, a autora dá ênfase nas condições de trabalho e de vida do mineiro durante os diferentes estágios de desenvolvimento da atividade carbonífera e suas relações de trabalho e faz um estudo sobre as lutas desses operários contra a exploração que culminam na organização de dois sindicatos na mesma cidade.

Em sua obra, Volpato salienta as dificuldades e perigos que o trabalhador mineiro enfrenta:

[...] as atividades carboníferas continuam, com dois terços acima da segunda atividade em número de acidentes [...]. O mineiro convive com este ambiente de risco à vida, à saúde e à integridade corporal. E, por isso, ele guarda uma memória social e histórica dos acidentes, que o advertem constantemente. [...] Os acidentes, sobretudo os fatais, aliados a este clima de insegurança que envolve o trabalho nas minas marcam profundamente o operário; quanto mais avança em tempo de serviço, mais ele se torna cauteloso [...].³²

Mesmo denunciando as precárias condições de trabalho dos mineiros, Volpato enfatiza a imagem da mina como um local perigoso e de trabalho exclusivamente masculino, exaltando “o trabalhador da mina” ou “o operário mineiro”, que se expõe diariamente ao “desgaste físico” e arrisca a “própria saúde” trabalhando em um lugar insalubre para ganhar um “salário melhor” e garantir o sustento da família (VOLPATO, 1984, p. 80).

As mulheres só aparecem no capítulo IV, como “a mulher do trabalhador mineiro”, responsável pelo serviço da casa e pelo cuidado dos filhos e quando esta tem que trabalhar “fora” de casa, para “ajudar” na renda familiar, trabalha como faxineira, lavadeira, costureira ou doméstica (VOLPATO, 1984, p. 87).

Assim, a autora representa os homens mineiros como sujeitos que interiorizaram o papel social de único responsável pelo sustento financeiro da família, que vêem no fato de sua mulher não precisar trabalhar fora uma afirmação de sua masculinidade.

A autora destina uma boa parte da obra para falar dos sindicatos, contando a história do sindicato desde sua fundação, passando pela fase pelega e pela fase militante, até a criação de um segundo sindicato na cidade que atendia os

³² VOLPATO, Terezinha Gascho. **A Pirita Humana** os mineiros de Criciúma. Florianópolis: Ed. da UFSC/ Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1984. p.61.

interesses dos mineradores. Sempre colocando em evidência a atuação dos dirigentes, todos do sexo masculino. Nesta parte do livro, a autora apenas cita rapidamente a participação das mulheres, como esposas dos mineiros, que participavam das manifestações públicas de insatisfação no lugar de seus maridos, para estes não sofrerem nenhuma reprimenda por parte dos patrões.

Embora Volpato não tenha percebido as mulheres como trabalhadoras das minas, nesta obra a autora dá visibilidade à classe operária mineira, aos homens comuns, trabalhadores das minas de carvão, que em muitas obras sobre a história de Criciúma, haviam sido mencionados apenas de passagem.

Na década de 1980, Criciúma comemorava seu primeiro centenário de colonização. E uma das formas de comemoração foi o lançamento do livro *Criciúma: 1880-1980: a semente de bons frutos*. Neste livro, organizado por Otilia Arns e lançado em 1985, todo o discurso é voltado para exaltar as cinco “etnias pioneiras”: Italiana, Polonesa, Lusa, Negra e Alemã.

A autora inicia apresentando o contexto histórico dos países europeus na época em que as primeiras famílias imigraram para o sul do Brasil, apontando como motivos principais os problemas socioeconômicos e políticos que esses países enfrentavam. Em seguida, separa cada etnia em um capítulo próprio e fala das dificuldades encontradas quando aqui chegaram e como cada uma se adaptou à nova realidade. Sempre destacando como estes “pioneiros” e seus descendentes se “empenharam no desenvolvimento material e espiritual”³³ dos primeiros cem anos da cidade.

A autora também faz um levantamento da estrutura étnica e das características socioeconômicas e culturais dos habitantes da cidade na década do centenário. Depois, fala sobre a administração da cidade, apresentando os prefeitos e destacando seus feitos durante seus mandatos. E para finalizar o livro, a autora mostra a organização e um resumo de todas as programações realizadas para festejar o ano 100.

³³ ARNS, Otilia (org). **CRICIÚMA 1880 - 1980: a semente deu bons frutos**. Florianópolis: Conselho Estadual de Cultura, 1985. p. 09.

Toda a obra é voltada para exaltar os “pioneiros” e as cinco etnias. É possível perceber, que através de um olhar elitista, o que se tenta é formar uma identidade cultural para a cidade.

Como fontes, a autora utilizou livros e registros de Criciúma, documentos como passaportes e escrituras, crônicas e memórias, fotografias, informações orais e entrevistas com representantes de todas as etnias.

Quanto à representação de gênero, a autora dentro de um discurso tradicional, exalta a figura do homem como “pioneiro”, “desbravador”, político, empresário, as mulheres são mencionadas principalmente como mães e esposas.

Em 1996, José Paulo Teixeira, publica o livro *Os donos da cidade*, que contribui com uma interessante pesquisa sobre o imaginário e as ações das lideranças político-empresariais da cidade de Criciúma nos anos de 1980-1990.

Como fontes, o autor utilizou atas da ACIC, relatórios, revistas, dissertações de mestrado, documentos, entrevistas, artigos e jornais, além de ampla bibliografia.

Em sua obra o autor caracteriza Criciúma como uma cidade de forte organização sindical e, conseqüentemente, de luta. Fazendo críticas às atuações, tanto de partidos da direita quanto aos de esquerda, Teixeira procura mostrar como as lideranças da cidade articulam um discurso da crise como conseqüência das greves organizadas na cidade. Os empresários culpam os sindicatos e seus representantes políticos. Como este discurso foi aceito pela sociedade, a ideologia da crise se refletiu nas urnas em 1983.

Neste livro o autor dá visibilidade exclusivamente a políticos, empresários e sindicalistas, não incluindo no conjunto de reflexões a participação de outros sujeitos, principalmente das mulheres. Estas não são citadas nem mesmo como esposas ou mães. O autor percebe somente os homens como detentores de poder. A obra mostra como políticos e empresários da elite local usavam sua influência e articulavam estratégias para interferir nas decisões políticas da cidade. Assim, aumentando suas fortunas e seu poder dentro do cenário local. Deste modo, Teixeira aponta apenas homens como os “donos da cidade”.

3.2 Trabalhadores e trabalhadoras

Em 2001, Marli de Oliveira Costa, conta um pouco da história do bairro Primeira Linha no livro *O tempo atravessou a vila*. Nesta obra, a autora, junto com alunos da 3ª série/2000 da Escola Reunida Antônio Mangilli, entrevistou moradores e outras pessoas que ali viveram para por meio destas memórias perceber o que permaneceu e o que mudou desde 1892, quando os primeiros imigrantes se estabeleceram no bairro, até o ano 2000.

Como fonte, além das entrevistas com os moradores, a autora utilizou obras historiográficas locais e regionais, artigos de jornais e revistas e documentos do arquivo da cidade.

Nesta obra, Marli de Oliveira Costa, aborda temas relacionados com os lugares de memória, os objetos de memória e com os momentos que ficaram na memória destes moradores. A autora percebe que desde sua fundação, o bairro se volta para as atividades agrícolas e que, ainda hoje, mantém estas características, embora a roça de hoje seja muito diferente da roça antiga, devido aos modernos equipamentos, máquinas e fertilizantes desenvolvidos com o passar do tempo³⁴. A autora ressalta que o que contribuiu para o bairro manter as características agrícolas foi o fato de não terem sido abertas minas no local. Mesmo assim, muitos colonos que moravam na Primeira Linha viraram mineiros³⁵ e o rio que corta o bairro também foi poluído pela extração do carvão.³⁶

Nesta obra, a autora apresenta várias citações das falas dos entrevistados/as e, por meio de muitas destas, ficam muito claras as relações de gênero, principalmente quando o entrevistado/a fala do “meu tempo”, se referindo à primeira metade do século XX, época em que era criança ou jovem.

É interessante perceber que dos sete entrevistados/as, seis eram mulheres e apenas um era homem. E na fala das entrevistadas há muita ênfase em separar o que era papel da mulher e o que era papel do homem. Por meio desses depoimentos podemos perceber que era papel exclusivo da mulher cuidar da casa e dos filhos, mas ela também trabalhava na roça ou em outras atividades para ajudar

³⁴ COSTA, Marli de Oliveira. **O tempo atravessou a vila** (Bairro Primeira Linha 1892-2000 – Criciúma-SC) Criciúma: Prefeitura Municipal/Secretaria de Educação, 2001. p. 33.

³⁵ Ibidem. p. 19.

³⁶ Ibidem. p. 28.

a família. Até quando falam das brincadeiras de criança há a separação do que era brincadeira de meninos e o que era brincadeira de meninas.

Num dos depoimentos, a entrevistada conta que quando era “moça” ela e a irmã derrubavam mato para fazer roça, cortavam lenha, carregavam as carroças, segundo ela, as duas eram “homem e mulher para tudo”.³⁷ Com esse depoimento percebemos que na sociedade do bairro e da cidade de Criciúma na primeira metade do século XX é muito forte a divisão dos “papéis” femininos e masculinos. As atividades ligadas a casa eram de responsabilidade das mulheres enquanto as ligadas à roça e à força física eram destinadas aos homens. Mas mesmo existindo esta acentuada divisão sexual do trabalho, desde o início do século XX, as mulheres já acumulavam tarefas consideradas tanto femininas quanto masculinas.

Em sua obra, Marli Oliveira Costa, trabalhando com memória oral e dialogando com outras fontes, contribui com um novo olhar e uma nova forma de se perceber a história do bairro e da cidade. A autora não ficou apenas no estudo do passado, mas também procurou relacionar os temas com a realidade atual do bairro, dessa forma apreendendo o que mudou e o que permaneceu tanto no aspecto físico do bairro, quanto no imaginário de seus moradores.

Em 2001, Volpato escreve outro livro, *Vidas Marcadas: trabalhadores do carvão*. Como em seu livro, *A Pirita Humana*, a autora aborda a história da formação da região carbonífera de Criciúma e escreve sobre o trabalho no interior das minas. Novamente ressalta os aspectos perigosos e insalubres do trabalho no subsolo, retomando o tom de denuncia quanto à falta de segurança e de equipamentos adequados que diminuiriam a possibilidade dos mineiros serem vítimas de acidentes ou de contraírem doenças. Nesta obra, a autora aborda também a organização dos sindicatos e as formas de resistência dos mineiros contra a exploração e frente às políticas das carboníferas. A autora escreve também sobre a devastação do meio ambiente causada pela mineração, procurando perceber o ponto de vista dos trabalhadores; fala da situação dos mineiros aposentados e suas lutas contra a deteriorização das pensões, que com o passar dos anos não são reajustadas e perdem seu poder de compra.

³⁷ Ibidem. p. 38.

Embora escreva basicamente sobre os mesmos temas, nesta segunda obra, Volpato parte de uma perspectiva diferente. A autora se aprofunda no estudo da construção da identidade social da categoria mineira. A autora procura mostrar como os trabalhadores das minas de carvão de Criciúma, que vieram de lugares diversos, que tinham costumes e experiências de trabalhos anteriores bem diferentes da nova realidade que os atingiu, formaram uma classe bem definida: a classe mineira.

Segunda a autora, a mina era um espaço novo que deixou marcas e lembranças no corpo e na mente dos operários e foi a grande responsável pela formação da identidade social do mineiro, pois devido a grande diversidade de origens, não se tinha uma visão clara dos traços e costumes que identificassem o grupo, que recebeu a atribuição do próprio local de trabalho, visto que “é a mina que lhe confere a identidade social, [...], propiciando apontá-lo e chamá-lo ‘mineiro’. [...] Sua companheira é identificada como ‘mulher de mineiro’; de seu filho se diz: ‘o pai dele é mineiro’” (Volpato, 2001, p.77). Sendo assim, para Volpato, o trabalho dos mineiros acabou moldando os hábitos da categoria tanto dentro como fora da mina, formando uma identidade para este grupo, que no início tinha tantas diferenças entre si.

Volpato ressalta que isso não aconteceu da noite para o dia, mas que foi o resultado “de um processo histórico longo e constante”, baseado nas condições de “oportunidades iguais e gerais”, onde as esferas sociais e de trabalho impeliam os trabalhadores às mesmas práticas, num ‘processo contínuo de aprendizagem’” (2001, p.78). Assim, a autora conclui que os mineiros foram afirmando sua identidade por meio das experiências e perigos que partilhavam dia após dia.

Quanto às mulheres, mais uma vez Volpato não as percebeu como trabalhadoras das minas de carvão. Embora as escolhedeiras apareçam em uma fala de um dos entrevistados, “O meu pai trabalhou 32 anos na Próspera como mineiro. A minha mãe também trabalhou na escolha do carvão [...] (VOLPATO, 2001, p.126)”. A autora não se refere a elas como trabalhadoras, empregadas nas minas. Isto se reflete num pequeno parágrafo onde a autora se refere superficialmente ao trabalho das mulheres na escolha, como complemento do trabalho dos maridos, uma tarefa que as esposas desempenhavam quando as minas ainda eram manuais, “a fim de garantir-lhe [ao marido] bons índices de produtividade e, conseqüentemente, melhores salários” (2001, p. 128). Deste modo,

as mulheres não aparecem como trabalhadoras, mas apenas como ajudantes temporárias dos maridos e esta “ajuda” acabou quando as minas se distanciaram dos locais onde estas famílias moravam e as mulheres então “passaram a exercer as tarefas domésticas, exclusivamente” (2001, p.107).

Novamente a autora vê as mulheres apenas como a “mulher do mineiro”, cujo marido arrisca a vida diariamente para garantir um “salário melhor”, e assim sua esposa não precisa trabalhar “fora” e pode ficar em casa cuidando das tarefas domésticas e dos filhos. No discurso da autora, as mulheres que precisavam trabalhar para ajudar no orçamento familiar aparecem como operárias em outras atividades, principalmente a partir de 1980, “com a diversificação dos ramos industriais” (VOLPATO, 2001, p.108).

Mais uma vez as mulheres foram relegadas a um papel secundário, como coadjuvantes de seus maridos, e tiveram sua participação omitida na história da região sul catarinense.

A mina, por seu aspecto e perigos que representa e pelas obras produzidas até 2002, sempre foi vista como local de trabalho masculino. Porém Carola, com seu livro “Dos subterrâneos da história: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina”, dá visibilidade ao trabalho feminino nas minas de carvão de Criciúma e região no período de 1937 a 1964, buscando resgatar as experiências vividas no dia-a-dia dessas trabalhadoras. Assim desconstruindo a idéia equivocada de que as minas foram locais de trabalho exclusivamente masculino.

Segundo o autor, quando se iniciou a busca pelas mulheres mineiras, muitas pessoas não recordavam e até mesmo se espantavam com a possibilidade, como podemos notar neste depoimento de Carola:

Em minhas primeiras indagações a pessoas mais idosas da cidade, perguntando se conheciam algumas das trabalhadoras das minas de carvão, a resposta imediata era um “não”, configurado por uma expressão de espanto. Entretanto, quando eu simplesmente mencionava as “escolhedeiras”, a resposta emergia em meio a lembranças que estavam soterradas em suas memórias. “Ah! As escolhedeiras!” era a expressão que emergia. A população mais velha parecia realmente não se recordar das trabalhadoras das minas, mas se lembrava das “escolhedeiras”.³⁸

³⁸ CAROLA, Carlos Renato. **Dos subterrâneos da história: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937 – 1964)**. Florianópolis: UFSC, 2002. p. 10

Para esta obra, o autor utilizou como fontes 30 entrevistas que realizou, fichas de admissão de trabalhadores/trabalhadoras das carboníferas, documentos dos sindicatos, jornais e revistas locais do período e relatórios da Comissão Executiva do Carvão Nacional (1953).

O autor inicia o livro com um resumo da trajetória da indústria carbonífera em Santa Catarina, desde seu surgimento, passando pelo seu desenvolvimento e crises. Em seguida ressalta que mesmo não aparecendo nas fontes oficiais, a mão-de-obra feminina foi amplamente utilizada pelos mineradores a partir da década de 1930 até o início dos anos 60. Carola destaca que a admissão das mulheres nas minas só foi possível porque constituíam uma mão-de-obra mais barata e trabalhavam na escolha do carvão – daí a ficarem conhecidas como escolhedeiras - um serviço realizado na superfície, tido como leve e condizente com a suposta natureza feminina, isto porque, na época a sociedade aceitava o discurso naturalista onde as mulheres eram tidas como criaturas frágeis e emotivas e eram vistas como inferiores aos homens.

Mesmo sendo consideradas inferiores, os patrões ainda atribuíam outras atividades mais pesadas para estas mulheres, inclusive tarefas consideradas masculinas. Além da escolha, “serrar lenha, encher e empurrar vagonetes, encher caminhões, carroças ou carros de boi também eram trabalhos das “escolhedeiras”” (Carola, 2002, p.77).

Nesta obra, o autor escreve também sobre o relacionamento entre as escolhedeiras e as formas de resistência praticadas por elas em suas relações com as políticas do setor carbonífero. Em seguida, o autor fala sobre as condições de vida dos trabalhadores e trabalhadoras das minas de carvão, da precariedade das casas oferecidas pelas mineradoras, das atividades do dia-a-dia desses operários e operárias. Carola relata que mesmo trabalhando nas minas para ajudar no orçamento familiar, os afazeres domésticos continuavam sendo exclusivamente tarefas das mulheres. Buscar água, lenha, cozinhar, lavar, limpar, costurar, fazer compras, educar os filhos, todas estas atividades eram realizadas pelas mulheres, tanto pelas que trabalhavam nas minas, como pelas que ficavam em casa. Estas últimas, porém, também ajudavam no orçamento familiar fazendo pães e doces para vender, lavando roupas para terceiros ou ainda trabalhando em casas de família na cidade.

Segundo o autor, a participação das mulheres nos trabalhos das minas se encerra com a mecanização da escolha do carvão, o trabalho antes feito por dezenas de mulheres, passa a ser realizado por uma máquina conhecida como jigue, que precisava apenas de três trabalhadores para operá-la.

Carola mostra que com a mecanização, as mulheres que trabalhavam na escolha não foram transferidas para outras funções, foram simplesmente demitidas, pois segundo o discurso dos mineradores não havia mais serviços condizentes com as “capacidades femininas”. O que se procurou fazer na época foi recolocar estas mulheres no espaço doméstico, propagando novamente a redefinição da divisão sexual do trabalho: homens trabalhando “fora de casa” para sustentar sua família e mulheres no seu “habitat natural”, o lar. Teve mulheres que acataram as orientações e permaneceram no lar, mas muitas continuaram a trabalhar fora de casa em trabalhos muito mais desvalorizados, além de cumprirem com as obrigações domésticas.

Segundo o autor, nesta fase de incentivo às mulheres para permanecerem em casa, muitas instituições assistencialistas começaram a desenvolver trabalhos nas vilas operárias para este fim, segundo Carola,

[...] procuravam “ensinar” as mulheres a cumprirem seus papéis “naturais”: garantir a saúde básica das famílias para propiciar a constituição de uma força de trabalho forte e disciplinada e inculcar os hábitos de respeito aos homens [...], enfim, diversos dispositivos de controle e formação de uma determinada mão-de-obra, configurada pelas devidas divisões sexuais de trabalho e normatização de papéis de gênero.³⁹

Assim o autor afirma que, além de procurar ensinar as mulheres a serem mulheres e a permanecerem exclusivamente cuidando do lar, esta normatização dos papéis acabava empurrando os homens para os trabalhos na mina, mesmo sabendo dos perigos que corriam, porque era “papel” do homem sustentar sua família e a mina proporcionava um salário melhor que outras atividades.

Com esta obra, Carola dá visibilidade à participação das mulheres nas minas e vilas operárias, revelando uma nova perspectiva da participação das mulheres na história de Criciúma e inaugurando uma nova forma de estudar esta história. Dando voz a estes sujeitos históricos, que por muito tempo permaneceram no anonimato dentro da história oficial, o autor contribui para que percebamos, como ele mesmo

³⁹ Ibidem. p. 216

ressalta, que a atribuição das mulheres exclusivamente ao espaço doméstico não encontra respaldo na história vivida, apenas na escrita, pois a mesma é escrita no masculino⁴⁰. Com este pensamento, o autor nos convida a questionar e analisar de formas diferentes as fontes, para buscar e repensar o papel da mulher e de outros sujeitos históricos, também, dentro da história local.

⁴⁰ Ibidem. p.09.

4 CONCLUSÃO

Toda sociedade humana sempre procurou registrar sua história, seja através de desenhos, lendas ou livros. Não importando de que jeito, o que sempre se buscou foi manter viva na memória das novas gerações os acontecimentos que marcaram aquela sociedade e passar adiante o que se aprendeu.

Com os criciumenses não foi diferente. A partir da década de 1970, alguns memorialistas da cidade, pesquisando documentos e entrevistando pessoas, lançam as primeiras obras que contam um pouco da história do município desde sua fundação.

Dentro de um discurso tradicional, estas primeiras obras dão visibilidade aos feitos dos grandes homens, exaltando a “coragem dos pioneiros”, a “inteligência dos empresários” e o “empreendedorismo dos políticos” da região, que com muito trabalho trouxeram o progresso para Criciúma. Nestas obras, dificilmente homens comuns, operários simples e pobres são mencionados. Quanto às mulheres, raramente aparecem, e quando são citadas, estão sempre ligadas ao ambiente doméstico, aparecendo apenas como mãe, esposa, filha ou irmã, de algum “homem importante”.

Com este quadro, podemos perceber que até a década de 70, na sociedade Criciumense, ainda era muito forte o discurso naturalista, que determinava o espaço público ao homem e reservava à mulher apenas o espaço privado. Mas esta era a realidade apenas das classes mais abastadas. Obras que fazem parte desta análise mostram que as mulheres, desde 1880, já acumulavam funções. Além do trabalho doméstico, elas também trabalhavam na roça ou nos balcões de estabelecimentos comerciais da família. E no início do século XX, nas famílias menos abastadas, as mulheres também trabalhavam para terceiros, em casas de família, lavando roupas, nas minas ou nas fábricas.

Entre as obras da década de 80, também encontramos livros que seguem a linha tradicional. Como esta é a década do centenário de Criciúma, uma dessas obras, feita para comemorar a data, exalta as cinco etnias que iniciaram a colonização da cidade. Esta é outra que dá visibilidade apenas aos “pioneiros” que alcançaram destaque dentro da história da cidade e aos “políticos” que a ajudaram a se desenvolver. E mais uma vez, as mulheres são relegadas a um segundo plano.

Mas ainda nesta década, surge uma outra obra, com uma nova abordagem teórico-metodológica, que dá visibilidade a um grupo, bastante presente na história da cidade e que em muitas obras foi esquecido: os mineiros. Volpato, partindo de uma visão marxista, fala sobre o dia-a-dia do mineiro, em seu espaço de trabalho e na família, ressaltando suas relações de classe e denunciando as precárias condições de vida e trabalho a que estão submetidos estes operários. Neste trabalho, as mulheres também aparecem apenas ligadas com a vida doméstica e com a maternidade.

Nos anos 90, estão presentes algumas obras tradicionais que exaltam os empresários, políticos e outras pessoas que alcançaram algum destaque dentro da sociedade Criciumense. Nessas obras é interessante perceber que os autores começam, de forma tímida, a dar espaço também para as pessoas mais simples. Quanto às mulheres, mais uma vez, são retratadas como mães e esposas.

Entre as obras produzidas no início do século XXI, surgem algumas que dão maior visibilidade à mulher e suas múltiplas atuações. Estas obras percebem as mulheres além do espaço privado, mostrando sua participação também no mundo do trabalho “fora de casa”, suas lutas e suas resistências. Esta nova perspectiva contribui para enxergarmos a história de um ângulo diferente, reconhecendo a participação e a atuação de novos sujeitos na história. Mas além destas, ainda encontramos obras que reproduzem a imagem estereotipada do homem como detentor do espaço público e da mulher, exclusivamente, no espaço privado.

A Historiografia de Criciúma reflete as concepções de gênero da sociedade brasileira. Tal como no âmbito social, no campo da produção historiográfica e memória histórica, se difunde concepções de gênero distintas. No caso de Criciúma, observa-se ainda o predomínio de uma visão tradicional sobre os papéis masculino e feminino. De modo que, a maioria das obras analisadas não percebe as mulheres como um sujeito histórico que desempenha diferentes papéis no mundo social e privado, assim como não percebem os homens além das clássicas imagens que o associam ao mundo do trabalho, da política e da economia.

REFERÊNCIAS

ARNS, Otilia (org). **CRICIÚMA 1880 - 1980: a semente deu bons frutos**. Florianópolis: Conselho Estadual de Cultura, 1985. 260 p.

BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992. 354 p.

CAROLA, Carlos Renato. **Dos subterrâneos da história: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937 – 1964)**. Florianópolis: UFSC, 2002. 231 p.

_____. Pandora, Eva E Sofia: a naturalização da desigualdade de gênero na história do pensamento ocidental. In: CASTILHOS, Zuleica Carmen. **Gênero e trabalho infantil na pequena mineração: Brasil, Peru, Argentina, Bolívia**. Rio de Janeiro: CETEM/CNPQX, 2006. p. 23-40.

COSTA, Marli de Oliveira. **O tempo atravessou a vila** (Bairro Primeira Linha 1892-2000 – Criciúma-SC) Criciúma: Prefeitura Municipal/Secretaria de Educação, 2001. 133 p.

COSTA, Suely Gomes. Gênero e História. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (orgs) et al. **Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

NASPOLINI FILHO, Archimedes. **Criciúma, orgulho de cidade!** fragmentos da história dos seus 120 anos. Criciúma, SC: Ed. do Autor, 2000. 220 p.

OLIVO, Nilson. **Famiglia Olivo: 110 anni d'immigrazione, 1891-2001**. Criciúma, SC: Do autor, 2001. 171 p.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. 332 p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 130 p.

PIMENTEL, José; BELOLLI, Mário. **Tímido ensaio biográfico: Giácomo Sônego**. Criciúma, SC: Gráfica Líder, 1972. 23 p.

_____. **Criciúma : amor e trabalho**. Criciúma, SC: Mulusan, 1974. 62 p.

_____. **Mini biografia de um pioneiro:** Marcos Rovaris. Criciúma, SC: Do autor, 1980. 129 p.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos:** A mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. 249 p.

SCOTT, Joan Wallach. **A cidadã paradoxal:** as feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis: Mulheres, 2002. 312 p.

SILVA JÚNIOR. José da. **Santos Guglielmi,** A trajetória do empreendedor. Criciúma, SC: Do Autor, 1998. 378 p.

TEIXEIRA, José Paulo. **Os donos da cidade.** Florianópolis: Insular, 1996. 244 p.

VOLPATO, Terezinha Gascho. **A Pirita Humana** os mineiros de Criciúma. Florianópolis: Ed. da UFSC/ Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1984. 159 p.

_____. **Vidas Marcadas:** Trabalhadores do carvão. Tubarão, SC: Unisul, 2001. 213 p.

ZACHARIAS, Manif. **Minha Criciúma de ontem.** Criciúma, SC: Do autor, 1999. 209 p.